

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

Lugares de gênero em arquitetura: uma aproximação

SESSÃO TEMÁTICA: ARQUITETURA, GÊNERO E SEXUALIDADE

José Tavares Correia de Lira
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo
joselira@usp.br

LUGARES DE GÊNERO NA ARQUITETURA: uma aproximação

Desde a década de 1970, o lugar das mulheres na história social vem sendo reavaliado a partir de múltiplos focos de atenção, metodologias e linhas de interpretação. Em grande parte marcados pelo influxo do feminismo no âmbito acadêmico, esses estudos abriram uma importante perspectiva de gênero, voltada à desconstrução das relações socialmente construídas entre os sexos e de poderosos símbolos culturais e conceitos normativos acerca do masculino e do feminino.

Tal perspectiva teve impactos apreciáveis também no campo da arquitetura e do urbanismo, podendo-se localizar, principalmente a partir dos anos 1980, uma nova safra de trabalhos, sobretudo em torno da habitação e da arquitetura doméstica. Produzidos inicialmente por historiadores e cientistas sociais, e pouco depois por historiadores da arquitetura, eles mesmos em geral mulheres, tais trabalhos incidiram sobre formulações de gênero na base de noções como domesticidade e esfera feminina, mas também sobre direitos sexuais e esfera pública, logo revelando as fissuras e insuficiências das representações universais mais recorrentes na história da arquitetura, da cidade e do urbanismo. Eles não apenas permitiram a revisão do papel de personagens até então pouco considerados nesta chave, senão inteiramente ignorados pela historiografia especializada, como reformadoras sociais arquitetas, engenheiras e urbanistas, mas ampliaram enormemente as possibilidades temáticas no campo, focalizando, entre outros, as relações entre profissionais, clientelas e usuários, os olhares e práticas de gênero no espaço, os conflitos em torno das relações entre vida individual, familiar e social, as divisões sexuais do espaço, os territórios masculinos e femininos, de pais e filhos, patrões e empregados em seu interior, bem como noções centrais à disciplina como racionalidade, conforto, higiene, prazer, intimidade, sociabilidade entre outras.

Passadas mais de quatro décadas de estudos nesta chave, já se pode falar de uma perspectiva de análise plenamente estabelecida, com desdobramentos relevantes para a crítica da disciplina em sua fundamentação logocêntrica, eminentemente masculina. Nessa matriz, por outro lado, pode-se reconhecer mais recentemente o influxo de entradas e revisões teórico-metodológicas, particularmente alinhadas às apropriações da psicanálise, da história da sexualidade e da vida privada e dos estudos queer em nosso campo. No Brasil, contudo, apesar de prolífica na historiografia social mais ampla e nas ciências sociais, tais perspectivas são ainda incipientes na arquitetura e no urbanismo. Tributários de investimentos mais antigos

em trabalhos sobre condições de vida, condições de moradia, família e movimentos de mulheres, eles ainda parecem altamente dispersos.

A Sessão Temática visa reagir à dispersão das pesquisas, fóruns e publicações a respeito do tema no país, contribuindo para a aglutinação de trabalhos em andamento. Ancora-se na experiência recente de um simpósio interdisciplinar sobre “Domesticidade, Gênero e Cultura Material”, organizado por um conjunto de professores da FAU-USP e do IFCH-Unicamp junto ao Centro de Preservação Cultural da USP em 2014, que foi capaz de congrega pesquisadores de disciplinas e instituições diversas, do país e do exterior¹.

A chamada para o Encontro Nacional da Anparq recebeu 26 resumos, oriundos de programas de pós-graduação e grupos de pesquisa de 9 universidades do país, que revelaram não somente a grande penetração da questão de gênero nos estudos urbanos, de arquitetura, urbanismo e design, sua relativa expansão na área, mas também a ampla variedade de orientações e recortes com que ela vem sendo enfrentada. Compreendendo desde trabalhos de cunho eminentemente histórico a outros que se propuseram a focalizar aspectos contemporâneos da problemática – empíricos, teóricos ou aplicados –, o espectro de abordagens propostas envolveu questões ligadas à formação e profissionalização em arquitetura, urbanismo, paisagismo e design, representações de gênero e sexualidade, territórios e territorializações femininos, masculinos e queer na cidade contemporânea, formas da segregação sócio-espacial, étnica e de gênero, conceitos e formas da domesticidade, deslocamentos, redes e interações no espaço urbano, suas implicações em políticas públicas de habitação, transportes e cidadania.

Os cinco trabalhos selecionados remetem a distintos enquadramentos temporais e tocam em dimensões constitutivas dos enfoques de gênero no campo: a condição feminina, por vezes justaposta a um certo perfil étnico-social; os modelos e padrões de domesticidade e espaço privado e suas relações com o mundo público. “Percursos e deslocamentos urbanos de mulheres negras no pós-abolição em São Carlos-SP: entre o espaço público e o doméstico”, de Joana D’Arc de Oliveira e Maria Angela Bortolucci, detem-se sobre as formas pelas quais, na virada do século XIX ao XX, as moradias de mulheres negras ali se converteram em territórios importantes de preservação de valores afro-brasileiros na história social e na geografia cultural de uma cidade altamente segregada etnicamente. O lugar das mulheres na sociedade é também o tema do trabalho de Maíra Boratto Xavier Viana

¹ Brito, Flavia; Lira, José; Mello, Joana; Rubino, Silvana (orgs). *Domesticidade, Gênero e Cultura Material*. São Paulo, CPC-USP/ Edusp (no prelo)

e Ricardo Trevisan, “O ‘quartinho de empregada’ e seu lugar na morada brasileira”. Operando em um registro comparativo, o foco agora são as transformações operadas ao longo do século XX nos cômodos tradicionalmente atribuídos às empregadas domésticas na arquitetura das moradias burguesas no Brasil. Também no trânsito entre o uso e o projeto da habitação, o trabalho de Silvana Rubino, “A Casa Moderna: modos de usar”, passa em revista a literatura prescritiva acerca do mundo doméstico, de modo a situar o papel das arquitetas na reconfiguração da esfera feminina à luz de escritos de Lina Bo Bardi e Charlotte Perriand sobre a arte de morar e o arranjo das moradias. As arquitetas também estão no centro da contribuição de Andréa Gati, “Esposas: atuações em arquitetura, interiores e design”, que focaliza a produção de Janete Costa, Myriam Pessoa de Mello e Clementina Duarte na divisão sexual do trabalho vis a vis a atuação de seus maridos, expoentes da moderna arquitetura pernambucana. O imaginário da mulher é o foco do trabalho de Pamela Bostelmann e Marinês Ribeiro dos Santos, “Imaginário espacial e representações da ‘mulher moderna’ nos periódicos brasileiros de moda e decoração (1960-1970)”, que vasculha as ressonâncias entre corpo feminino e arquitetura doméstica, entre mudanças comportamentais e repertórios estéticos, inspiradas pela corrida espacial nas revistas *Casa & Jardim* e *Claudia*.

São contribuições por certo localizadas, mas que dão notícia do grande interesse que as abordagens de gênero vêm suscitando em nossa área. Seu impacto é visível tanto na valorização de aspectos ainda pouco trabalhados pela pesquisa acadêmica, como as representações femininas, a recepção da arquitetura pelas mulheres e a produção de arquitetas e designers, quanto em suas enormes potencialidades críticas no campo especializado como um todo.